

TRINITY Livre

A Biblioteca Pública de
Braga

23
SETEMBRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

No quarto centenário de «Os Lusíadas» a obra épica de Luís de Camões

Por JAIME MACEDO

Nestes últimos quatro séculos decorridos após a primeira publicação de «Os Lusíadas», muitos sábios tratadistas, nacionais e estrangeiros, têm-se debruçado sobre a vida e obra de Camões, especialmente, em relação à sua monumental obra épica, embora se sustente que a produção lírica não é menos importante; mas continua a fazer-se sentir que os estudos camonianos terão de continuar, cada vez em maior profundidade, para trazer à superfície toda a verdade acerca do maior vulto da nossa literatura,

por vezes menosprezado por um certo snobismo literário ou por qualquer outra incógnita razão de escritores que não tiveram paciência bastante, ou lhes faltou capacidade, para interpretar o valor da obra máxima da língua portuguesa. Cremos que muitos deles não teriam hoje a ousadia de repetir os seus conceitos, face à teia literária que deu origem à rica roupagem interpretativa do Poema Épico de Camões. Parece-nos que bastará citar Almeida Garrett como abonador de «Os Lusíadas». O autor de Camões e de Catão,

poeta, filósofo, crítico consciente, historiador, tribuno, versado em todas as literaturas e tido como «adorador da verdade», refere-se-lhe nestes comoventes termos: «Desde que entendo, que leio, que admiro Os Lusíadas, enteneço-me, choro, ensoberbeço-me com a maior obra de engenho que ainda apareceu no mundo, desde a Divina Comédia, até ao Fausto...». Pode ler-se isto em «Viagens na Minha Terra», precisamente, como crítica a um conceituado detraitor de Camões.

Será preciso muita preparação e um elevado grau de cultura para interpretar Camões épico em toda a sua dimensão, por forma a colher o substrato espiritual, patriótico, histórico e científico que encerra o imortal Poema Épico, em que se enaltece e canta a Raça Lusíada e lhe deverá servir de guia em cada hora, especialmente, nesta encruzilhada da História Universal, neste baralhado mundo de opções para a humanidade, que nos inculca «Os Lusíadas», cada vez mais nitidamente, como sendo, por excelência, o «Livro de Portugal», ou melhor dito: o manual patriótico da Comunidade Luso-Brasileira, o breviário do povo lusíada espalhado pelo mundo em missão ecuménica. A ele se deve, certamente, a sobrevivência de Portugal, em tantos lances difíceis da sua História, não só, mantendo latente o patriotismo português durante os 60 anos do cativo filipino, que redundou na revolta de 1640, mas também noutras ocasiões de perigo eminente, como nas invasões napoleónicas e consequente instalação da Casa Real do Brasil, na heróica luta pela posse do Ultramar, quer nos séculos passados, quer na actualidade, em que os portugueses continuam a ser escol de eleição, queiram ou não os contestatários da civilização ocidental.

Em toda a composição do Poema Épico de Camões, com 8.816 versos e 1.102 estâncias, divididas por 10

«Continua na 4.ª página»

Monumento ao Comendador Santos da Cunha

A Câmara Municipal de Braga, no prosseguimento das diligências a que se obrigou por deliberação de 12 de Julho do corrente ano, e por força das fortes razões então aduzidas, acaba de enviar a numerosas pessoas e entidades uma circular, solicitando-as para ligarem o seu nome ao levantamento, nesta cidade, de um monumento que fique a perpetuar a memória daquele que foi seu tão insigne filho—o Comendador António Maria Santos da Cunha.



Não vem, positivamente, fazer-se o elogio de um Homem por demais conhecido, e cujos méritos foram reconhecidos e exaltados. Coligia tudo o que a respeito de sua vida e de sua grandiosa obra com verdade foi dito e escrito, constituiria outro género de homenagem, também devida, e uma bela lição para os vindouros e os que não tiveram a dita de o conhecer, do quanto vale uma vida inteiramente devotada ao serviço da sua Terra e da Greil. Tal não vem porém agora ao caso, mas antes justificar a ausência de nomes e direcções de todos os amigos do saudoso homenageado, o que terá determinado que certas pessoas que sintam dever ter-lhes sido remetida a circular aludida, a não tenham recebido.

Prevendo tal hipótese, vem a Câmara Municipal de Braga pedir desculpa aos que nesta circunstância se encontrem, e lembrar-lhes que, para além

das omissões a que a comissão encarregada de fazer executar a deliberação da Câmara fatalmente está sujeita, interessa levar para diante a iniciativa de erigir o Monumento, no mais curto espaço de tempo, e o seu significado —homenagem bem merecida de preito e gratidão.

Por isso se pede a todos que não tiverem sido directamente solicitados através da circular *Pró-Monumento*, mas que sintam desejo, quicá dever de colaborar, se dirijam directamente à Câmara Municipal de Braga, para serem inscritos, e registada a sua participação.

5.ª COLUNA

Leitor. Hoje vamos falar de coisas um pouco esquisitas, sobre português. Imagine. Eu armado em filólogo. Coisas da vida. Mas não podia deixar de conversar consigo sobre o caso, uma vez que surgiu esta semana entre uma roda de amigos. Trata-se, nem mais nem menos, da TV... A TV, em Portugal foi, é e será sempre uma desgraça! É uma opinião quase generalizada. Não sei se o meu Leitor entra nesta roda do mal dizer. De qualquer modo, aí vai a história filológica.

Caí na «ratoeira» de cognominar minha Mulher de desesperada telpsiófila. Ficou tudo espantado! Telepsiófila? Que vem a ser isso? Dei a explicação. É esta. Se dizemos raidófilo, moeda corrente para quem adora a Rádio, natural é que digamos telepsiófilo para quem adora a Televisão. Só haverá uma diferença. É que Rádio, vindo do latim por «Radium», naturalmente forma «Radium» «Philo» que provém do grego. Aí está uma mistura que os nossos filólogos abjuram por considerarem que as palavras provenientes de duas línguas diferenciados (este o caso do Latim e do Grego) são híbridas e, portanto, fora de todo o bom senso para a gramática nacional. Ora, o caso da Rádio está bem pa-

(Continua na 4.ª página)

Encerrado o caso do Grémio da Lavoura de Amares

Decorrerão em breve dois anos sobre os agitados acontecimentos que envolveram os actos eleitorais que levaram à substituição dos dirigentes do Grémio da Lavoura de Amares. Tudo se teria passado dentro da maior normalidade se não fôra a inesperada e inoportuna intervenção de uns tantos.

O que depois se passou é um rosário longo de actos a que tentaram emprestar confusão e que contados em minúcia causariam verdadeiro espanto. Houve, porém, contra a vontade dos tais, uma paciência infinda, e, simultaneamente, uma firmeza sem falhas, que sempre restabeleceu a ordem e impôs o império da Lei.

De quanto se passou houve recurso ao Tribunal competente, que nestes casos é o Tribunal do Trabalho. O primeiro autor, sr. Arnaldo Azambuja, veio a desistir no dia do julgamento. Seguiu-se novo processo em que foram autores os srs. António Alves Dias Leites e dr. Augusto de Lemos. Este, teve a sua audiência final na passada semana, com a presença das melhores figuras, embora sem expectativa quanto ao seu re-

sultado, pois essa não podia tê-la quem conhecesse as pessoas e os factos e de algum modo acredite no primado da Justiça.

Não queremos, aqui, por entendermos o momento sem propósito, referir quanto na audiência se passou e merecia referência. Mas é com muito gosto que lembramos a figura lúcida, esclarecida e isenta do julgador, efectivamente um magistrado conhecedor do lugar, da causa, e da Lei, a quem o tempo não fez esquecer os factos nem os nomes lhe fizeram desmerecer o rigôr e a envergadura do cargo.

Para além de perderem a questão com as suas inerências e indemnizações os srs. António Alves Dias Leite e dr. Augusto de Lemos foram condenados como litigantes de má-fé.

Caso raro nas andanças dos Tribunais serve para aferir de quanta leviandade e desrespeito houve para com a Instituição, a Sociedade e o bom senso.

Todos ficaremos a ganhar se isto fôr lição para que o bom trabalho não sofra embargos desnecessários e prejudiciais.

Ministro Delfim Netto: «As nossas Relações com Portugal são as melhores possíveis»

As nossas relações com Portugal são as melhores possíveis e estamos a trabalhar no sentido de lhes dar ainda um maior incremento—afirmou o prof. Delfim Netto, ministro da Fazenda do Brasil, ao passar pelo aeroporto de Lisboa, a caminho de Paris, aonde se descola para assinar um protocolo destinado ao financiamento da compra de equipamentos de segurança de voo. «Temos trabalhado muito neste campo, mas ainda há muito a fazer» — acrescentou o ministro.

O prof. Delfim Netto referiu-se, depois, à reunião do Fundo Monetário Internacional a realizar no próximo dia 24 em Washington, declarando: «Espero encontrar-me ali com o meu colega português, dr. Cotta Dias, e aproveitar essa oportunidade para uma longa conversa sobre problemas de interesse comum aos dois países».

No Brasil o Ministro Português da Justiça

A fim de participar na Conferência de Ministros da Justiça dos países hispano-luso-americanos e das Filipinas, que hoje se inaugura em Brasília, seguiu por via aérea para o Rio de Janeiro o ministro português da Justiça, prof. Almeida Costa.

As sessões da conferência, em que tomam parte 18 ministros, prolongam-se até ao próximo dia 21 e têm uma agenda de dez pontos. Serão apreciados, entre outros textos, dois projectos de convenção de grande importância prática: o primeiro visa estabelecer um sistema de fácil e rápido intercâmbio de informações jurídicas entre os órgãos judiciais dos Estados membros da Conferência; o segundo projecto visa a criação de um estatuto de igualdade de tratamento entre nacionais e estrangeiros dos Estados membros, perante os respectivos órgãos judiciais, estabelecendo-se também alguns princípios de colaboração entre os tribunais das nações participantes.

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162

ANEDOTAS

À tarde duas pequenitas preparam-se para brincar. Nisto passa um sujeito que, parando um momento, beijou uma delas.

—É o meu papá, diz a criança para a outra.

—Ah! é o teu papá, e é também o do teu irmão?

—É claro que sim.

—Ah! na minha casa é diferente, cada um de nós tem o seu papá.

* * *

—Sempre desgraças nos caminhos de ferro?

—O que aconteceu?

—No Comboio das oito, chegou minha sogra...

* * *

—Com que então crê na transmigração das almas?

—Creio, sim, a pés juntos; e a prova é que já foi Burro.

—Burro, tu? e quando?

—Quando te emprestei aqueles duzentos mil reis, que não tornei mais a ver.

* * *

Um pai queria casar a filha ainda muito criança, com um homem rico.

—Mas papá, ele é velho!

—Tem apenas cinquenta anos.

Eu gostava mais de dois rapazes de vinte e cinco anos.

VIEIRA DO MINHO

A minha digressão de domingo:

Sempre que possa, e raras vezes o faço, não deixo de fazer uma visita à Feira Nova, terra por onde adolesci e de que tenho saudades.

Assim foi no passado domingo. Depois de uma estadia no Snak-Bar, suptuoso «Milho Rei», engatei conversa com o velho amigo Elisio Gonçalves, colaborador assíduo de a Tribuna Livre e em aprazível momento passemos revista a um pouco do passado! Ia a conversa já um pouco adiantada e vislumbramos além, o António Paulo, aliás figura marcante na Feira Novo, depois de quem me abeirei e também em conversa amena nos espreia-mos um pouco. Com efeito, António Paulo, cheio de bondade, afável, estimulando iniciativas, sempre atento a banda de música, que tanto ajuda e acarinha, léga ainda á sua terra uma prol de elementos com que há que contar. Seus filhos, encentando o progresso, rasgando ruas, criando indústrias, instituições, adquirindo terrenos para novas edificações, deram á Feira Nova, uma fisionomia que já não é a do meu tempo! Assim retirei, com a melhor das impressões e renovadas saudades.

INOCENCIO DIAS

AOS LAVRADORES

A Companhia Portuguesa de Celulose, no intuito de fomentar a plantação de eucaliptos, põe à disposição da lavoura, no corrente ano, 3 milhões de plantas «envazadas», oferecendo ainda aos interessados, sem quaisquer encargos, a assistência técnica necessária.

Todos os pedidos de fornecimento deverão ser feitos à Secção de Fomento Florestal da C. P. C. - Instalações Fabris-Cacia-Telef. 91287

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

estremecer. Havia uma cancela na barreira, através da qual passámos e por onde havíamos de atingir, depois de um pequeno intervalo, espaço mais largo. Então exclamámos simultaneamente.

«Ali está ela!»

Flora, um pouco mais adiante, estava defronte de nós, no meio da relva, e sorria, como se a sua aventura estivesse agora completa. Mas, logo em seguida, no entanto, inclinou-se e apanhou, como se não estivesse ali para outro fim, uma grade e feia haste de feto murcho. De súbito, tive a certeza de que ela acabava de sair da mata. Esperou-nos sem dar um passo, e eu dei conta do ar solene, com que naquele momento nos aproximamos dela. Enquanto Flora sorria, sorria, alcançámo-la; mas tudo isto foi feito no meio de um silêncio flagrantemente sinistro. Mrs. Grose foi a primeira a quebrar o encanto. Deixou-se cair de joelhos e apertou a criança contra o peito num longo abraço. Enquanto esta muda convulsão durou, eu apenas me limitei a observar—observação que se tornou mais atenta quando vi Flora a espiar-me por cima do ombro da minha companheira. Estava serena agora—já não vacilava; e isso avolumou a angústia com que eu naquele momento invejei a Mrs. Grose a simplicidade do seu trato. Durante todo este tempo, no entanto, nada mais aconteceu entre nós além de Flora deixar cair outra vez no chão o seu tolo feto. Disse-mos uma à outra, virtualmente, que todos os pretextos seriam inúteis agora. Quando, por fim, Mrs. Grose se ergueu, conservou entre as suas a mão da criança, e ambas, Mrs. Grose e Flora, ficaram em pé diante de mim; e a singular reticência da nossa comunicação tornou-se mais marcada com o olhar franco que Flora me lançou.

«Eu seja cega», dizia esse olhar, «se me abri!»

Foi Flora quem falou primeiro, fitando-me com uma ingénua surpresa. Estava espantada com o facto de nos ver em cabelo.

«Onde deixaram as suas coisas?»

—Ao pé das suas, meu amor!» repliquei eu imediatamente.

Ela, que já recuperava a jovialidade, parecia considerar isto resposta suficiente.

«E Miles onde está?» prosseguiu.

Havia qualquer coisa no hercismozinho que isto significava que me deixou completamente consternada; aquelas quatro palavras foram, num instante, a cintilação de uma lâmina desembainhada, o acotovolar de uma taça que eu erguera ao alto, cheia até à borda, durante semanas e semanas, e que, naquele momento, senti, transbordar como um dilúvio.

Mesmo antes de dizer palavra.

Dir-lhe-ei, se a menina me disser...» ouvi-me a mim própria murmurar; depois ouvi o tremor em que essas palavras irromperam.

«B-m, então que diz?»

A interrupção de Mrs. Grose chegou até mim, mas era já muito tarde agora, e eu pus as coisas em aberto, cautelosamente:

«Onde está Miss Jessel, minha linda?»

CAPÍTULO XX

EXACTAMENTE como acontecera na igreja com Miles, estava agora tudo ali diante de nós. Apesar de tudo quanto eu fizera para que este nome nunca fosse pronunciado entre nós, e o aflitivo olhar com que a criança o recebeu fez com que a minha interrupção do silêncio fosse como o despedaçar de uma vidraça. Isto juntou-se ao grito que Mrs. Grose opôs no mesmo instante à minha violência, como para amparar o choque—o guincho de uma criatura marcada a ferrête ou, antes, ferido, grito esse que, por sua vez, dentro de poucos momentos, eu completei com um suspiro. Agarra o braço da minha colega.

«Ali está ela, ali está ela!»

Perante nós, estava Miss Jessel, na margem oposta do lago, tal qual como da outra vez, e lembro-me, estranhamente, da primeira sensação produzida em mim nessa altura, lembro-me do meu estremecimento de alegria, por ter conseguido produzir uma prova. Ali estava ela, e eu estava justificada; ela estava ali, e eu já não era nem cruel nem louca. Miss Jessel estava ali para que a visse a pobre e atemorizada Mrs. Grose; mas, se ali se encontrava, era por causa de Flora. Em todos aqueles monstruosos tempos nunca houve talvez momento tão extraordinário como aquele em que eu, conscientemente a fiz ouvir—tinha a esperança de que, embora ela fosse um pálido e rapace demónio, pudesse aprender e compreender—uma inarticulada mensagem de gratidão. Ela estava, de pé, precisamente no que eu e a minha amiga tínhamos acabado de abandonar, e em todo o alcance do seu desejo nem uma só polegada do mal que dela irradiava deixava

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Senhor da Piedade

Não foi possível realizar este ano a grande festa dedicada ao Senhor da Piedade de que há muitos anos existe no lugar da Feira Velha à margem da estrada Nacional numa capela construída a expensas de um membro da família, «brasileira», rica e crente da casa da Faia. O autor da obra morreu solteiro e à Fé teria acompanhado até à hora da morte, o ancião que partiu para o Brasil de tamancos e jaqueta em navio à vela porque só depois da sua partida apareceram os navios mercantes movidos a carvão.

Veio rico, depois de 40 anos de lutas e negócios bons de faer no tempo, nesse tempo, que não volta mais porque o Brasil de hoje exige ao comércio muitas coisas que faltavam ao brasileiro «da Casa da Faia» e que tanta figura fez na terra de onde partiu a sonhar com a riqueza que adquiriu.

Era um perigo para nós a chegada de brasileiros ricos. Era uma tentação. Era, ao lá chegarmos, uma desilusão que muitos sentiram e nunca mais voltaram na época, os países Europeus não ofereciam vantagens cambiárias e a imigração para o Brasil era em fila Indiana para encontrar uma «escravatura» branca a explorar o suor das vítimas enganadas pelos tais «escrupulosos» portugueses que nos mostravam cá e lá somente a indiferença e a afronta com sentusidades.

Por lá sentimos também o eleito da tentação do demónio que nos levou a escrever hoje estas linhas com a consciência lavada do pecado da gula.

Mas a festa do Senhor da Piedade deste ano marcou pelo significado religioso sendo posto de parte a «loucura» e o pagode comercial desejando envolver nesse comércio o amor a sorrir nos lábios das moças que se queiram entregar nos braços de Cúpidio com garantias solidas da Eternidade.

As festas são boas para tudo e para todos e quando a música é boa até os velhos dançam e vêem as lágrimas a subir por uma malga cheia do «Vin Ruge regional».

Portanto está de parabéns o pároco da freguesia pelo sucesso procissional e com a virtude própria dos anjinhos que a engrandeceram acompanhando-a com a alegria própria de quem ainda começa agora a conhecer este Mundo.

Profilaxia Social

Tivemos no salão nobre da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo uma demonstração filmada dos carinhos dispensados pelo Ministério da Saúde e assistência ao povo da metrópole e das Ilhas Adjacentes. Foi bom que aparecesse essa ambulância em Amares porque cá como em muitas terras nem todos acreditam no esforço do Governo para acautelar os interesses dos habitantes. Verdadeira demonstração prática do poder terapeutico de uma medicina domiciliária. Amares deve ao Dr. Rebelo de Sousa, titular dessa posta, o carinho de um hospital onde lá se fará o que fazem os médicos e enfermeiras nas terras onde não há hospitais nem é facil poder haver porque são obras que exigem grandes gastos permanentes. Mas essa medicina ambulante já resolveu problemas de saúde que não saíam resolvidos mesmo onde há hospitais com gente necessitada mas de poucos recursos para observações demoradas. Sirva de exemplo o que se viu na Caixa Agrícola aonde se viam pessoas de grande responsabilidade social e que essa lição de Caridade esteja sempre presente no espírito daqueles que podem concorrer para que a sociedade seja menos doente e mais crente no que se faz para salvar a vida dos padecentes e a alma de quem abandona as suas obrigações sacerdotais como são as do médico e do enfermeiro.

— De Rendufe —

Ainda há desta gente . . .

A educação nacional e as autoridades que existem para reprimir crimes e abusos, devem sentir-se fexados e diminuídos com o que ainda acontece em certos meios como Amares.

O que se passou com o sr. Fernando Campelo mostra a dificuldade de se poder viver sossegado e defendido numa terra aonde se não dá apreço ao valor do sacrificio que se faz para se poder viver honradamente. Os Chefes de família que ocultam os crimes dos filhos, são os maiores responsáveis por qualquer acto que envolva prejuizos materiais e morais. As autoridades compete a inexorabilidade no apuro das responsabilidades porque é essa a sua missão mais de cinco contos de melancias e melões foram destruídos no melencial do sr. Fernando Campelo, em Rendufe. Da queixa apre-

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje dia 23, a sra. D. Esmeraldina Celeste Meneses Guimaraes, Rosa Maria Macedo e Abel José Dias Antunes.

Dia 24, a sra Maria Helena C. Fernandes.

Dia 25, a menina Maria José Araújo Leite.

Dia 28, a sra Amélia de Jesus da Cunha Vitoriano, Maria da Conceição Pereira, e Maria de Fátima Vieira Andrade, residente no Canadá.

Dia 29, Maria Cândida de Sousa Bento e o sr. Avelino Dias Gomes.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

BARREIROS

DE VISITA

Vinda do Porto, encontra-se em Barreiros, para passar umas bem merecidas férias, a jovem Ilda Margarida Rodrigues Soares.

Seus colegas desejam que passe umas férias alegres e que não perca a tradição de nos visitar todos os anos.

sentada não resultou o que esperava o queixoso e também o público sujeito às mesmas ou a outras consequências do vandalismo social em que a juventude deve estar envolvida.

Todos nós estávamos interessados em saber quem foram os autores da proesa para não os termos em contacto social ou caseiro e ainda esperam que isso aconteça porque há presenças aproveitáveis para descobrir pacífica ou violentamente quem foram os bandidos ou terroristas que assaltaram o quintal da vítima escolhida para os seus devaneios nocturnos que se podem repetir se não forem tomadas severas medidas de repressão.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrazedo

Amares

Concurso de fotografias sobre a Costa do Sol

Promovido pelo Casino Estoril vai realizar-se este ano pela primeira vez no «Salão Fotográfico Estoril-Sol», com a atribuição de vários prémios no valor total de 40 contos. O certame, que é extensivo a fotógrafos profissionais e amadores, nacionais e estrangeiros, inclui dois temas, cada um dos quais com três secções: Tema A (turístico) sobre motivos da Costa do Sol e Tema B (livre), sobre qualquer assunto livremente escolhido.

As secções são: fotografias a preto e branco (formato único 30x40 cm). Cores em papel (formato único 24x30 cm) e diapositivos a cores (qualquer formato), devendo estar montados, quando sejam de formato 6x6 ou inferior.

A inscrição, a fazer em impresso próprio pedido à Secção Cultural — Casino Estoril, Praça José Teodoro dos Santos, Estoril, é gratuita e cada concorrente pode apresentar até 4 provas por cada secção, devendo os trabalhos serem inéditos em salões portugueses. O tema A é obrigatório para todos os concorrentes.

No verso de cada prova em papel deverá indicar-se o nome e a morada do concorrente, o título, o número da prova e o tema a que se destina. Relativamente às provas do tema A, deve ser identificado o local em que a fotografia foi tirada.

Os trabalhos, que serão apreciados por um júri constituído por fotógrafos amadores e profissionais de livre escolha do Instituto Português de fotografia e um representante da entidade organizadora, deverão ser enviados por correio, sob registo, ao Casino Estoril, até às 17 horas do dia 31 de Outubro de 1972.

A notificação dos resultados será feita até 30 de Novembro e a exposição efectuar-se-á na primeira quinzena de Dezembro, procedendo-se à devolução dos trabalhos em Janeiro de 1973.

ANIVERSÁRIO



No próximo dia 29, festeja o seu aniversário natalício o nosso assinante e particular amigo Senhor António Pereira do Lago que se encontra ausente em França.

Tribuna Livre não podia deixar passar esta oportunidade para desejar ao Sr. (Tone de Dornelas) muitas felicidades e que esta data se repita por inúmeros anos.

Parabéns

EM AMARES (Feira Nova)

ALMOCE OU JANTE

NO RESTAURANTE

«MILHO REI»

Café — Snack — Bar

Casamentos - Baptizados - Festas elegantes

«OS LUSÍADAS»

a obra épica de Luis de Camões

(Continuado da 1.ª página)

cantos, em lado algum, excepto no frontispício, se vê a palavra «Lusíadas», vocábulo que pela primeira vez utilizou o humanista André de Rezende, propósito este do Autor para realçar, com o título da Obra, o significado da Raça. A primeira publicação data de 1572, com várias imperfeições gráficas que têm sido, tanto quanto possível, apreciadas e até corrigidas por conceituados tratadistas e autores das várias edições levadas a efeito nestes últimos 400 anos. Poema de grande elevação patriótica, de estilo clássico, difícil de interpretar pela forma erudita como foi concebido, mas graças aos estudos a que tem sido submetido, há edições que muito aproximam já, o leitor comum, do elevado pensamento de Camões. Muitas estâncias são modelos acabados de síntese e todas primor de expressão, chegando a parecer-nos reais certas passagens declaradamente fictícias, de base mitológica pura, promenorizadas até à minúcia para, em dado momento, concluírem de modo explícito, eficiente e arrebatador, em suculentas sínteses cheias de imprevisto.

O excelente trecho de que se serve Camões para enquadrar episódios de grande responsabilidade, é maravilhoso, convertendo o enredo num todo harmonioso, empolgante, em que as cenas aparecem na devida oportunidade, por vezes de forma imprevista mas inteiramente lógica, mais eficientes ainda pela surpresa e pertinência da acção. A par da narração épica da Viagem do Gama em demanda do Oriente, na descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, Camões encontrou, realmente, forma

de englobar toda a história pátria, seja por meio de sua narração directa, seja sob revelação mítica, profética e consiliar, ora por narração indirecta dos personagens, de que é caso mais saliente o discurso do Gama ao Rei de Melinde, ora sob a forma de diálogo com o Adamastor, ou, ainda, sob revelações oníricas, em sonhos proféticos ou aparições sonhadas.

Não se comparem as dificuldades de Camões, no trecho do seu Poema, ao relatar feitos relativamente recentes e reais, alguns quase seus contemporâneos, — misturando, pela força das circunstâncias, heroicidade e mitologia com cristianismo —, em relação àquela liberdade de acção de que puderam usar os clássicos greco-romanos, em narração de fundo lendário ou mítico, porém, alguma coisa devem «Os Lusíadas» a estes clássicos, como é evidente. Camões, foi já apontado como criador da «epopeia da verdade», pois serviu-se de factos reais e de figuras heroicas que fazem parte da História de Portugal, apenas recorrendo à ficção, em casos genéricos de projecção universalista, como a mitologia pagã que a própria humanidade imaginou, à medida das suas necessidades temporais, com todas as implicações instintivas de luta de interesses e paixões mesquinha; O Velho do Restelo, personificando o derrotismo universal, que engloba os descrentes e faltos de fé nos altos ideais; o Adamastor, imagem do terror lendário de tormentosos monstros marinhos, vencidos pela heroicidade e protecção divina, petrificado, em sentido figurado, por magia mitológica.

(Continua no próximo número)

5.ª COLUMNA

«Continuado da 1.ª página»

tente na soma das duas línguas professadas no termo «radiófilo». Assim encontramos «Radium» (Latim) e «Philo» (Grego), não estando certo, pois — segundo a teoria filológica, embora o referido termo já tivesse sido aceite como bom.

Eu, contudo, dento do critério himográfico tenho de dizer «Telepsiófilo», seja «Tele» + «Psio» + «Philo», cuja junção, é totalmente oriunda do grego.

Diz agora o meu bom Leitor que esteve a aturar esta conversa. O homem terá razão, mas a coisa é muito complicada para eu estar a marcar-me com semelhante polémica, sem me dizer respeito.

Sossegue, Amigo. Tudo é bom a gente saber. E por isso poder aparecer alguém dos nossos que venha contestar o que escrevo. Se vier está na época contestatária e eu fico todo contente. Assim espero outra versão, nem que seja do meu Leitor.

Até à semana.

EME ABRIL

Aniversário

No próximo dia 29, festeja o seu aniversário natalício a menina Maria de Lourdes Dias Macedo, filha do nosso ilustre assinante Senhor Elísio Vieira de Macedo e de Maria de Fátima Dias, que se encontram em França.



Tribuna Livre como não podia deixar passar esta oportunidade para desejar à menina Lourdes e a seu pai, que também festejou o seu aniversário no dia 16, que estas datas se repitam por inúmeros anos.

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Câmara Municipal de Braga

Ex.º Senhor

Foi em 26 de Março passado que Braga, seu termo e todo o País perderam para sempre uma intrépida figura de cidadão, de amigo e de patriota — o Comendador António Maria Santos da Cunha.

A cidade e o concelho que ele tanto amou e engrandeceu contraíram para, com a sua memória uma dívida que se procurará, saldar, para que os vindouros possam tomar consciência de quem foi o autor de uma época de renovação, que se tornou notável, particularmente no desenvolvimento urbanístico, cultural e económico da região.

Vai erguer-se em Braga, sua terra natal, um condigno

Monumento que será, por vontade de todos, a expressão viva do reconhecimento e da gratidão à individualidade que mais se agigantou no serviço da colectividade e pela qual, pode dizer-se, sacrificou a sua vida.

Gostaria a Câmara Municipal de Braga, como legítima representante dos sentimentos gerais, inaugurar esse Monumento a quando do primeiro aniversário do passamento de tão lúcido português. E, como elevado número de pessoas e de instituições têm manifestado empenho em ficar vinculados a esse padrão, a Câmara aceitará a colaboração dos seus inúmeros admiradores, numa identidade de propósitos que bem exprime a saudade e o respeito pela memória de um grande e inesquecível amigo.

Ao dar conhecimento desta resolução a V. Ex.ª, informa-se de que quaisquer fundos com que, porventura, queira concorrer para esse fim podem ser remetidos com o seguinte endereço:

«Câmara Municipal de Braga
Monumento ao Comendador
Santos da Cunha»

A Câmara Municipal

— DE VISITA —

De visita a sua família encontra-se entre nós o Senhor Francisco Pinheiro, natural de Besteiros e a residir em Lisboa.

«Tribuna Livre» deseja-lhe que passe umas férias felizes com sua família.

Dois crimes que não podem ficar impunes

Em Rendufe e Lago praticaram-se dois crimes que não podem ficar impunes. A missão da autoridade policial é difícil nos grandes meios populacionais e as investigações requerem conhecimentos científicos para a descoberta dos malefeitores. Na província e com a presença da G. N. R. em contacto rural com os habitantes e com os seus hábitos a missão é mais simples e pode-se com mais facilidade apanhar a rede dos notivagos que desonram a sociedade e comprometem a autoridade.

Já não é novidade o hábito de assaltos aos meloais e melanciais e até os maus tratos ao dono da fruta que na barraca guarda a sua fazenda. Depois de um interregno que manifestava a educação das pessoas e o respeito pelos bens alheios, surge em Rendufe e Lago a onda devastadora dos produtos que o lavrador consegue produzir para remediar a sua vida. Em Lago mataram um cão de guarda deixando-lhe espetadas as navalhas assassinas. A vítima foi um caseiro do distinto advogado e respeitável individualidade sr. dr. Pereira da Silva. Em Rendufe o sr. Fernando Campelo, comerciante, que, além do desgosto por ser considerado homem de bem e não merecer semelhante tratantada, viu o seu meloal e melancial destruído no valor aproximado de 10 contos. Estes crimes que se podem repetir se não forem reprimidos, devem merecer a atenção da autoridade policial que com paciência e tempo e debaixo do sigilo exigido, podem ser descobertos para honrar a farda da G. N. R. que conta no número das praças elementos capazes de fazer uma limpeza aos actos repugnantes que surjam no concelho de Amares. Já que o sossego reina em todo o concelho quando o sol ilumina as almas endosas que labutam durante o dia é preciso que a noite não seja alcoviteira do terrorismo desenfreado dos notivagos que praticam actos como estes que lamentamos denunciar por comprometerem a honra do concelho de Amares.

«A RIVAL» — CASA DE PASTO DE ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e Baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só A «RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares